

REFLEXÕES SOBRE A POESIA

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo repensar as relações entre o ensino da poesia e o lugar ocupado por ela na sociedade. Estuda-se a alienação da linguagem associando-a ao trabalho alienado, ambos frutos da eliminação do prazer, da marca do homem naquilo que produz, resultando na dicotomia produção/criação.

RÉSUMÉ

Ce travail a pour but de repenser les relations entre l'enseignement de la poésie et le lieu occupé par celle-ci dans la société. On y étudie l'aliénation du langage en rapport avec le travail aliéné, étant tous les deux le fruit de l'élimination du plaisir, de la trace de l'homme dans tout ce qu'il produit, résultant dans la dichotomie production/création.

"No princípio
todos os homens eram poetas
(talvez a única profissão
digna do ser humano)
e os espíritos das coisas
comungavam entre si."

Paulo Gabriel

Responsável durante sete anos pela organização de um festival de poesia em colégio de I e II graus, pude observar de perto a relação do adolescente com o poema bem como sua reação frente à poesia. Muitas vezes diante da baixa produtividade quantitativa ou qualitativa, nós, professores punhamo-nos a discutir as razões do insucesso: o aluno não lê poemas, nós não ensinamos poesia etc.

Hoje, ministrando curso de poesia para alunos de I e II períodos na Faculdade de Letras, deparo-me juntamente com os colegas, com um quadro intrigante que posso associar à minha experiência anterior. A disciplina Estrutura da Obra Literária A - Poesia, ministrada até alguns anos atrás, no primeiro período da Faculdade de Letras, era uma das principais responsáveis pela reprovação e evasão em nossos cursos. Repensando-os, o setor de Teoria da Literatura achou por bem fazer preceder tal curso de um outro basicamente de leitura crítica, na perspectiva semiótica,¹ onde o aluno desenvolveria sua habilidade no trato com o texto literário ou não. A experiência foi bem sucedida, mas a relação do aluno com a poesia não mudou muito. O estudante ainda se sente extremamente distante do texto poético que é para ele um enigma, um alvo inatingível da esfera celeste.

Atualmente, responsável por duas turmas interessadas e com grande potencial a ser desenvolvido, experimentei levar para a classe textos o mais próximo possível do interesse dos alunos, relacionando Mercedes Sosa a Chico Buarque, Milton Nascimento a Drummond, estórias infantis a poemas elaborados etc e, por mais que a turma se interessasse, os problemas continuaram.

Tais experiências, além de inúmeras leituras teóricas, me levaram a reflexões outras que não as ligadas unicamente à sala de aula, fazendo-me perceber que tal comportamento é mero reflexo do lugar que a poesia ocupa na sociedade. Na sociedade ocidental, preocupada basicamente com a produção, poesia é coisa para desocupados, loucos ou apaixonados, é para quem vive com a cabeça nas nuvens ou para um tipo especial de homem - o poeta.

Algumas perguntas básicas podem ser feitas: - Por que existe uma categoria especial de homens-poetas? - Por que o poeta é "persona non grata" nos diversos regimes? Por que o poema é

inacessível à maioria das pessoas?

Como se tem afirmado,² lugares existiram e existem em que vemos a poesia como parte integrante do dia-a-dia, criação coletiva sem o sentido de propriedade que lhe é dado entre nós. Nas chamadas comunidades primitivas, a poesia, o canto, a dança eram manifestações do povo em sua relação com o mundo e com os deuses. O homem, integrado à natureza, tinha na linguagem um fator de integração, de prazer.

Ao se estudarem as primeiras manifestações literárias de cada povo, pode-se constatar que a poesia nasce com o povo como parte de suas atividades diárias e, aos poucos, afasta-se rumo aos palácios e às escolas, para voltar ao povo como manifestação de uma elite cultural, responsável pelo saber. Aí, então, o texto poético, propriedade de alguns, torna-se inacessível à grande maioria. Veja-se, por exemplo, as "Chansons de toile" na França, quando o tecer de lã se funde ao tecer da linguagem, num fio único de vida e amor.

É claro que tais manifestações são encontradas até hoje no meio do povo, mas não têm o estatuto de literatura. É bom lembrar que o povo, principalmente no campo, canta ou cantava durante o trabalho. O camponês descreve o que faz através de textos que expressam sua integração à terra, seu prazer de arar, semear, colher. O boiadeiro, nas cantigas de aboio, funde a peleja à alegria. A lavadeira não distingue o canto do rio do seu canto.

A poesia faz parte também da linguagem infantil, como se pode ver por estas expressões, frases ou perguntas recolhidas por mães e professores:

- "Mamãe, como é a porta de sair do mundo?"

(Fernanda Walty, aos 4 anos)

- Tristeza é luz preta que se apaga.
- Raiva é um balão grande que estourou na minha cara.
- Raiva é o corpo partindo ao meio.
- Saudade é uma estrelinha da noite dando tchau para mim.

Crianças da 2a. série I grau
do Colégio Pio XII, em 1974.

Outro exemplo, como bem o mostra o Prof. Haquira Osakabe,³ seria a presença do haikai japonês entre os imigrantes em São Paulo. Os haikai, composições curtas, são feitas por pessoas do povo no decorrer de um dia de trabalho. Também aí a linguagem poética não se divorcia da linguagem cotidiana, traz em si a

marca do homem.

Conforme Haquira Osakabe, o haikai é um exercício de experimentação de linguagem, liga-se a um tempo do ano, tentando flagrar a percepção exata e relaciona-se ao Zenbudismo. A este propósito é interessante lembrar a obra *Zen e a arte de manutenção de motocicletas*⁴, onde ao discutir a racionalidade, a lógica e o cientificismo ocidentais, buscando superar barreiras e limites impostos pelo *status quo*, procura-se justamente a integração do homem ao seu espaço através do que o autor denomina "qualidade".

O que o haikai transmite é paradoxalmente a constatação da ruptura cultural e a busca de integração.

"No dia da imigração
os que restam
murmuram entre si."

Ora, tal texto não é mero exercício de experimentação de linguagem, é a tentativa de superação de limites. O texto, comemorativo do dia da imigração japonesa, traduz o isolamento, a solidão do imigrante em terra estranha. A expressão "murmuram entre si", ressalta tal isolamento através da antítese, já que o murmúrio é um falar para si. O homem do povo capta o momento e, através de uma aparente descrição, traduz toda a angústia da ausência de um espaço e um tempo e faz do haikai um murmúrio que supera as barreiras do eu rumo ao outro.

Este procedimento pode ser percebido também no texto que se segue:

"Na longa noite de inverno
a família morre
no bang-bang do neto."

A mudança de hábitos culturais é descrita como a morte de um povo, de uma época, de um espaço. O bang-bang, produto da cultura ocidental, dos meios de comunicação de massa, mata os costumes. Observe-se que o verbo morrer liga-se à expressão bang-bang, logicamente, e à família, metaforicamente, mas o texto-denúncia é a garantia de sobrevivência da família.

Outros textos demonstram ainda como a poesia integra-se ao cotidiano e tal qual na linguagem infantil emerge a metáfora pura, levando o homem às suas origens.

"A fogueira de junho
a brasa
a escuridão desse mundo."

"É na memória funda
que cantam
os grilos do outono."

"Aos cinquenta anos
recebo ainda propostas de casamento
flores de pessegueiro."

No entanto, nas grandes cidades, o assalariado dificilmente canta durante o trabalho, e, se o faz, repete canções alheias divulgadas pelos meios de comunicação de massa.

Pode-se, então, verificar que a poesia só está tão afastada de nós porque lhe foi reservado um lugar especial, ora menosprezado, ora engrandecido.

Desde Platão, o poeta é acusado de alienação, de mero reprodutor de cópia, ou, paradoxalmente, é tido como perigoso para a estabilidade do sistema. Em nossa sociedade, é tido como alienado porque não pensa na sobrevivência, não produz nada que possa se reverter em dinheiro, e é acusado de subversivo porque propõe outras formas de ver o mundo que não a imposta pelo sistema.

É bom que se pense onde realmente está a alienação. Para isso pode-se recorrer a Marx, quando fala do trabalho alienado. Se o homem, antes, construía um cesto e deixava aí a sua marca, veja bem, não o seu nome, mas o resultado do prazer, que o fazia reconhecer-se em seu trabalho, hoje, ele trabalha como uma máquina, tanto que pode ser substituído por ela, e não sabe o que faz e por que o faz. O homem não cria e constrói a sua habitação, não costura suas roupas, não planta seu jardim, não cultiva sua horta. Cada um é especialista em um campo e todos consomem o que outros produzem. Acentua-se a dicotomia saber/fazer. Como bem mostra Marilena Chauí⁵, todas as nossas atividades são mediadas por discursos de outros: a mãe cuida do filho guiada pelos discursos de pediatria, puericultura, psicologia etc. Até o ato natural e instintivo de amamentar o filho "fica na moda" justificado pelos pediatras e pelos naturistas. Os exercícios físicos passam ao domínio das academias e clubes, a alimentação é controlada por dietistas, o afeto e o amor são recomendações de psicanalistas.

E a poesia? Também ela é escrita por alguns especialistas e lida, entendida e explicada por outros. É aí que estamos nós, os professores, os estudiosos de literatura, que tentamos impor aos nossos alunos algo que, muitas vezes, não faz sentido para eles. E por que não o faz? Porque se o trabalho é alienado, também o é nossa linguagem diária. Nós não nos reconhecemos na linguagem que utilizamos, falamos com o objetivo de comunicação imediata e falamos sempre com a mediação de outros discursos. A escola fabrica e divulga tais discursos, preferencialmente, científicos e racio-

nais, os meios de comunicação de massa fabricam e justificam os modismos e nós repetimos essas falas como se fossem nossas, tão autênticas quanto o Guaraná Antártica.

A linguagem poética seria a linguagem não alienada, o resultado da criação, em que o homem se reconhece, percebe sua marca, a marca do prazer. Quando a criança fala, brinca com as palavras, joga, estabelece cadeias de significantes, explora a polissemia da língua, constrói metáforas, embora não seja capaz de compreender outras que ouve. A criança não fala só para obter uma resposta, fala pelo prazer de falar, cria palavras e recusa a racionalidade que explica tudo. Ela ainda não está presa a uma única forma de ver o mundo. Sua linguagem não é alienada, embora não seja, pelos nossos padrões, racional e consciente.

A escola impõe padrões de linguagem defendidos pela sociedade, reprime a poeticidade "infantil" de cada aluno e depois coloca-o a ler poemas de autores consagrados, decorando-os e declamando-os, e se assusta quando o aluno não gosta de ler poema chegando até mesmo a detestá-los.

À sociedade do trabalho alienado corresponde a sociedade da linguagem alienada. Até a metáfora passa a ter o sinal dos especialistas - a metáfora médica, a metáfora matemática, a metáfora física ou química etc. Diz Charles Bally⁶, que a metáfora é resultado da imperfeição do espírito humano; ousou discutir tal afirmação, pois me parece que a metáfora é resultado da grande capacidade do espírito humano, é a possibilidade de se pensar além, de se pensar diferente, de caminhar por caminhos outros que não os que nos são oferecidos. Bally diz que a maior imperfeição de nosso espírito é a incapacidade de abstrair totalmente, de conceber uma idéia desvinculada de todo contexto da realidade concreta⁷. Ora, que é realidade concreta, se todo real é apreendido pelo homem através da linguagem? A abstração total não seria a desvinculação total do homem em relação ao mundo em que vive? A metáfora é, pois, fator de integração, de comunhão, por isso mesmo, não é falha do espírito humano, mas potencialidade.

Isso se confirma quando Bally cita a segunda imperfeição do homem, a concepção animada da natureza e afirma que, como no mito da caverna, o homem é ainda o prisioneiro da caverna, o qual vê passar as sombras. É verdade, o homem vê passar sombras, porque tudo são sombras e as imagens da poesia não são mais enganosas do que as da simples ignorância, pois a poesia não é cegueira, é luz, é visão, a despeito da elite científica.

É interessante notar que Bally reflete a ideologia dominante ao afirmar que a linguagem técnico-científica é a língua das idéias

e a linguagem literária, a língua dos sentimentos⁸. Ora, oposição razão/coração é uma das maiores rupturas da sociedade ocidental, e é a principal responsável pela alienação da linguagem. Mesmo porque é o próprio Bally que afirma que o falar de todos contém a beleza em germe e que a literatura só existe em função da comparação com a língua usual.

Todos os outros recursos estudados como poéticos ressaltam bem a relação homem/mundo/natureza que não existe na linguagem alienada. A onomatopéia, considerada recurso pobre, de pouco poder evocativo, seria a ligação maior entre a linguagem e a natureza, o menos racional dos recursos e, por isso mesmo, o mais natural, o ponto de partida para todos os outros. Chamando o gato de miau, o cachorro de au-au, a criança começa a descobrir a língua e a estabelecer as primeiras associações, as primeiras analogias ricas em poeticidade.

Percebe-se, assim, que a dicotomia linguagem poética/ linguagem usual é fruto de dicotomias outras, tais como: criação/ produção, lazer/trabalho, arte/técnica, saber/fazer etc.

O poeta existe porque a única maneira de se oficializar a poesia é dar a ela um estatuto especial que a impeça de "corromper" as atividades produtivas do homem. Poesia é lazer ou é um texto mensurável, classificável, rotulável, pois, não fosse assim, o sistema seria ameaçado.

O engajamento da poesia não está, necessariamente, ligado ao aspecto político-social, no sentido estrito, mas sim no sentido mais amplo do termo político, já que sua linguagem preserva a marca do homem. Octávio Paz⁹ afirma que a poesia é a volta à origem, ao estado de comunhão do homem com a natureza através da linguagem, ao tempo do princípio, em que falar era criar. "No princípio era o Verbo... E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós..."¹⁰. Em todas as narrativas de criação do mundo, temos a palavra como origem de todas as coisas.

"Tudo era incipiente. E tudo se desenvolveu com formas e nomes, de tal modo que foi possível afirmar: 'O que tem tal nome é tal coisa'."

A palavra tem, pois, o poder de criar. Não é por acaso que a palavra grega *poiesis* significa fazer. O poeta é, então, o criador, o "fazedor". No conto "A menina de lá"¹², a personagem Nhinhinha, fundindo-se ao poeta, demonstra a força das palavras quando expressa seus desejos e estes imediatamente se concretizam.

Octávio Paz¹³ demonstra que a poesia é desejo e a imagem é a ponte que liga o homem à realidade.

Nesse momento acho interessante remeter à última assembléia dos professores grevistas da UFMG, quando o poema ocupou lugar de destaque nas falas dos oradores e uma pequena antologia circulou em folha datilografada. Foi então que me perguntei o porquê de tal acontecimento e levei a pergunta para os alunos do curso de poesia no primeiro dia de retorno às aulas. Uma aluna respondeu que entendia ser aquele um momento poético, um momento de integração entre as pessoas e a busca de superação de limites, fruto da crença na força do ser humano. A fala da aluna, endossada por outros, ratifica o que foi antes afirmado, o momento poético ocorre quando o ser humano busca a libertação, a quebra dos limites opressivos de qualquer natureza numa tentativa de integração, de comunhão. Por isso é que, citando Benjamim Peret, Octávio Paz bem o diz: "a prática da poesia coletiva só é concebível num mundo liberto de toda opressão, em que o pensamento poético volte a ser para o homem tão natural quanto a água e o sonho."¹⁴

NOTAS

1. Ver o artigo Para ler as letras de Maria Helena Rabelo Campos em *Ensaios de Semiótica - Cadernos de Lingüística e Teoria da Literatura* - nº 8. B.H., FALE, 1983.
2. A este respeito, ver *Ô que é poesia*, de Fernando Paixão. São Paulo, Brasiliense, 1982.
3. Tais afirmações, fruto de pesquisa em curso, foram feitas durante o curso *Análise do discurso*, ministrado pelo Prof. Haquira Osakabe, na FALE/UFMG.
4. PIRSIG, Robert M. *zen e a arte de manutenção de motocicletas: uma investigação de valores*. Rio, Paz e Terra, 1984.
5. CHAUF, Marilena. *Cultura e democracia - o discurso competente e outra falas*. S.P., Moderna, 1982.
6. BALLY, Charles. *Traité de stylistique française*. V.I, Paris, Librairie C. Klincksieck, 1951.
7. BALLY, Charles. Op. cit., p. 187.
8. Idem, *ibidem*, p. 245.
9. PAZ, Octávio. *Ô arco e a lira*. Rio, Nova Fronteira, 1982.
10. Evangelho de São João. Cap. 1, V. 1 e 14.

11. YUTANG, Lin. *A sabedoria da Índia e da China*. V. I, Rio de Janeiro, Irmãos Pongetti, 1955, p. 40.
12. ROSA, J. Guimarães. *A menina de lá. Primeiras histórias*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1975.
13. PAZ, Octávio. Op. cit.
14. Idem, *ibidem*, p. 359.